

# POVO

# ALGARVIO

Semanário Regionalista

Director, Editor e Proprietário  
**Manuel Virgínio Pires**

Redacção e Administração  
Rua Dr. Parreira, 13-Telef. 127-TAVIRA

Composição e Impressão  
Tipografia «POVO ALGARVIO» - Telefone 265 - TAVIRA

## A' Varanda de Lisboa

### Os Novos Civilizados

**V**OLTOU a ser debatida, na Assembleia da ONU o infindável «Caso de Angola». É claro que, numa assembleia em que a maioria é constituída por delegados negros, com os seus conhecidos «apoios» de Nações pretensamente civilizadas, os resultados são antecipadamente conhecidos. Portugal continua a ser o «bombo da festa», em que todos podem «bater» à sua vontade, com a certeza de obterem os aplausos e as votações favoráveis, contra o ignóbil país colonizador, que tem martirizado os pobres pretos, privando-os de uma apregoada «autodeterminação», a que os grandes da política internacional os julgam com direito.

Nesta nova série de ataques, de que Portugal tem sido alvo, tudo tem sido feito com um único objectivo, apresentado com carácter imediato e inadivél: levar o nosso País a conceder a independência às suas províncias ultramarinas, a começar por Angola.

O tema tem sido glosado em todos os tons. Todos os civilizados negros, que na discussão têm abordado o assunto, não se coíbem de apresentar a única solução para o diferendo: — a concessão, por Portugal, da independência de Angola.

É esse o «cavallo de batalha» dos civilizados negroides, que à sobre do negregado «colonialismo» têm prosperado, moral e economicamente, e que, por se sentirem fortemente apoiados por algumas das grandes nações do Mundo, desde a Rússia até aos Estados Unidos da América, julgam que tudo lhes será permitido.

Veja-se o despalante com que a Libéria (sucursal da norte-americana «Firestone») se in-

Crónica do Dr. João Valério

#### Assembleia Nacional

#### O Aeródromo de Faro

**N**A sessão de 24 do corrente, realizada na Assembleia Nacional, para aprovação das bases de propostas sobre o Emparcelamento da Propriedade Rústica, usou da palavra o nosso ilustre conterrâneo sr. Dr. Jorge Correia, que se referiu à necessidade da construção de um aeródromo no Algarve, sem o qual o turista da provincia jamais teria aquele impulso que muito viria contribuir para o progresso do País e até mesmo a propaganda de Portugal.

Em aparte, o sr. deputado Jorge Gamboa de Vasconcelos esclareceu que essa importante verba de 285 mil contos aprovada pelo Conselho Económico, para construção e beneficiação de aeroportos, já estava prevista a construção do aeródromo de Faro, esclarecimento com o qual o Dr. Jorge Correia disse rejubilante esperando porém que a verba não ficasse apenas na inscrição.

E o algarvio paciente continuará a aguardar pelo tão almejado melhoramento

## O Dr. Veiga de Macedo

foi homenageado pela F.N.A.T.

Presidente da Direcção da F.N.A.T., Dr. Bento Parreira do Amaral e os membros da Direcção deste Organismo, Drs. António da Silva Torres e Manuel Antunes Branco e Coronel-Tirocinado Manuel Domingues, entregaram ao sr. Dr. Veiga de Macedo, a medalha comemorativa do 25.º aniversário daquela Fundação.

O sr. Dr. Parreira do Amaral, ao fazer a entrega desta medalha, afirmou ser-lhe muito grato enaltecer a obra levada a cabo pelo sr. Dr. Veiga de Macedo como Ministro das Corporações e Previdência Social. A F.N.A.T. — disse —, foi particularmente beneficiária dessa obra e de tal maneira que o seu extraordinário desenvolvimento actual se ficou a dever ao sr. Dr. Veiga de Macedo.

O Presidente da F.N.A.T. referiu-se ao alto interesse que o antigo Ministro das Corporações dedicou às Colónias de Férias e declarou que graças a esse empenho e à politica seguida, fora possível em curto espaço de tempo, impulsionar de maneira decisiva a instalação de novas Colónias de Férias para os Trabalhadores e seus familiares, as quais dispõem hoje, em diferentes pontos do País, de óptimas instalações com notável capacidade de alojamento e todos os requisitos imprescindíveis ao cumprimento da sua missão.

Em resposta, o Dr. Veiga de Macedo agradeceu a oferta da medalha e confessou-se sensibilizado pela atenção que lhe havia sido dispensada pela Direcção da F.N.A. a quem dirigiu palavras de incitamento. O Dr. Veiga de Macedo afirmou ainda que patrocinando e fomentando a acção da F.N.A.T. só cumprira o seu dever para com a politica social que servira, e, em posto diferente, continuava a servir.

## Amendoeiras em Flor



Aproxima-se o fim. A presente semana será talvez a última que se oferece ao turista para apreciar o maravilhoso cenário. Uma propriedade nos arredores de Tavira que é um verdadeiro tapete de amendoeiras

## Páginas de memórias (2)

### Evocação de um Mestre

**N**O semi-isolamento a que os meus já não poucos achaques físicos me obrigam na quadra inverniça, tive hoje conhecimento, pela rádio, de haver falecido em Cascais o Dr. Vieira de Almeida — professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras de Lisboa, que formou gerações de discípulos, filósofo e poeta, grande humanista, em toda a acepção da palavra; e o facto fez-me voltar imediatamente, em pensamento, trinta e tal anos atrás na minha já não muito curta e sempre trabalhosa vida... Fez-me de pronto lembrar aquele dia, já tão distante, em que entrei pela primeira vez na aula do Mestre, para iniciar um curso que o destino me não deixou depois concluir, mas em que ainda me permitiu frequentar com aproveitamento todas as disciplinas filosóficas cuja docência estava a cargo daquele Homem franzino de corpo, que se agigantava no conceito dos alunos pelo seu saber, pelo seu espirito e pelos seus dotes excepcionais de expositor; e revivi num instante, com não

por Antero Nobre

to lembrar aquele dia, já tão distante, em que entrei pela primeira vez na aula do Mestre, para iniciar um curso que o destino me não deixou depois concluir, mas em que ainda me permitiu frequentar com aproveitamento todas as disciplinas filosóficas cuja docência estava a cargo daquele Homem franzino de corpo, que se agigantava no conceito dos alunos pelo seu saber, pelo seu espirito e pelos seus dotes excepcionais de expositor; e revivi num instante, com não

Continua na 3.ª página

## Função da Poesia - - III

**A** maior parte da poesia moderna, seja qual for a escola ou matiz por que possa ser encarada — e já vimos que o pode ser plúrimamente — tem como denominador comum, no aspecto formal, a não sujeição aos cânones tradicionais, e no substancial, o alargamento dos temas.

O primeiro aspecto ainda poderá ser olhado com certa desconfiança, sobretudo quando se pense no contributo que a métrica e a rima emprestavam ao equilíbrio estético da composição, mas o alargamento — psicológico — dos temas, até regiões desconhecidas — onde são tratadas todas as sutilezas do pensamento — bastaria, de per si, para fazer acreditar a poesia moderna, como expressão de arte renovada, sem deixar contudo de ser «poesia» pois a sua distinção de prosa, assenta em critério mais essencial que formal.

Poderá objectar-se, no entanto, que a demasiada cerebralização ou abstracção de poesia — ou, às vezes o auto-

pelo Dr. Carlos Alberto Jordão

Continua na 2.ª página

## Comparticipações para o Algarve

Pelo II Plano de Fomento e para obras de viação rural foram concedidas as seguintes verbas:

C. M. da E. N. 124 à E. N. 122, por Balucos (Alcoutim), construção 1.ª fase, 12.400\$00; construção da E. N. de Azinhal (E. N. 106-2.ª) ao limite do concelho (Castro Marim) 6.ª fase, 281.400\$00; E. M. 521 (Loulé) de Almancil (E. N. 125) à Goncinha (E. N. 125-4), reparação, 2.ª fase, 18.000\$00; C. M. da Conceição (E. N. 125) a Cabanas (Tavira), reparação na extensão de 1495 metros, fase única, 20.500\$00.

Continua na 4.ª página

## TROVA

É um fantasma o preceito  
É tem garras de leão;  
Não deixa sair do peito  
O meu louco coração.

Isidoro Pires

Este número foi visado pela Delegação de Censura

## O Supérfluo

**E'** de toda a delicadeza e demanda fino espirito de análise a classificação das coisas supérfluas porque, bem ajuizadas certas circunstâncias, o supérfluo está em grau relativo com a vida do individuo, as suas necessidades biológicas e sociais. Como na vida biológica cada individuo apresenta características próprias que nem sequer mantém, acerca do comportamento do seu organismo, não parece fácil apreciar onde acaba o necessário e começa o supérfluo, no que diz respeito a quantidade e qualidade de alimentos e vestuário.

Para os lactantes estão estabelecidas tabelas de rações de leite, tendo em vista a idade e o peso. Mas para os outros individuos não nos consta que assim seja. Há que atender não só ao peso, como à idade, ao tamanho, à ocupação, clima e mil outros acidentes.

Quanto ao vestuário, do mesmo modo. Há quem se sintam bem no inverno sem camisola e quem com ela vestida ainda tenha frio. Portanto, a camisola que para o primeiro seria

## Banda de Tavira

Sob a regência de Sebastião Leiria, realiza esta Banda um concerto hoje, dia 28, das 15 às 17 horas, com o seguinte programa:

- I PARTE
- O Pico de Salomão - P. D. . . . F. Fão
  - Chrysis - Ouverture . . . . . Taborda
  - Violetas da Parma - Suiça Valsas - Beucucci
  - La Verbena de la Paloma - Zarz. T. Breton
- II PARTE
- Festa nos Campos - Fantasia, Encarnação
  - Islas Canárias - P. D. . . . . Tabarri



A Praça da República, acolhedor centro da nossa linda cidade de Tavira



## Função da Poesia -- III

Continuação da 1.ª página

matismo das associações, ou das imagens — a fecham a uma inteligibilidade imediata, ou a uma explicação concreta que o leitor a si próprio exige.

Mas poesia não é discurso, nem ciência feita de normas ou de princípios causais, e, exigir-lhe, por sistema, inteligibilidade ou logicidade será estreitar os seus limites, deixando de fora a intuição, essência mesma da criação (v. «Filosofia da Arte», Prof. Vieira de Almeida, pág. 51).

E se é assim, o criador, pode servir-se de todos os meios ao seu alcance, e da forma que lhe consentirem a inspiração e o talento. O limite, nesse ponto, será a morte da própria criação e do seu estuante poder divinatório.

De resto, a função da arte é tão multimoda e vária, que cercá-la de limitações formais — circunstanciais portanto — ou estratificá-la em padrões imutáveis, é atraiçoar a sua função e as suas potencialidades.

De resto, em quase toda a articulação poética de feitura moderna, persiste o ritmo e a música — esta através de curiosas e inusitadas imagens, ou palavras de sentido novo, ou inesperadas sinestésias — pelo que, através de critério essencial se poderá facilmente contrapô-lo à prosa, como género especificamente diverso.

É certo que a «novidade» às vezes estonteia, pelo quadro mágico que se apresenta ao leitor: palavras quase sem nexos (aparente) numa caminhada quase que subconsciente, ou o recorte às vezes demasiado breve, ou elíptico da frase.

Muitas das vezes, surpreender-se-á o leitor menos avisado com a insignificância (também por vezes aparente) dos temas ou do material glosado — o «génio de insignificância» de que fala Jean Cassou — mas sob essa aparente banalidade, se esconde, subtilmente, a marca individual do poeta e da sua mensagem significativa.

A tradição assentou, longos e longos anos, na linguagem concreta e a «técnica» seria um dos pontos essenciais à composição, mas a poética moderna, rompeu com esse dogma — nem dogma podia ser — mesclando a linguagem de abstracção e devaneio, de pre-figurações lógicas e arroubos metafísicos, logrando, alfim, a desarticulação da «forma» clássica.

Servem-se os poetas modernos, no banquete de poesia, go, dia 4, saindo de Faro às horas da manhã, percorrerá as nossas estradas até à Praia da Rocha, com passagem por Loulé, Albufeira e Portimão.

Os rotários do norte do País, (Viana do Castelo, Amarante, Braga, Guimarães, Porto, Matosinhos, Aveiro, Estarreja, Ovar e Coimbra) deslocar-se-ão em automotora especial da C.P., sendo esperados em Faro no dia 3, às 17 horas, na estação dos Caminhos de Ferro, pelos seus companheiros algarvios.

Informou, também, o sr. Benigno Cruz, que a Direcção do Club deliberou fazer convites às autoridades para que estas se dignem assistir ao acto solene da entrega da Carta Constitucional, diligência que será feita nos próximos dias, tendo sido, igualmente, convidada para estar presente toda a Imprensa diária de Lisboa e Porto, bem como toda a Imprensa Regional do Algarve.

O sr. Francisco Guerreiro Barros, ao encerrar a reunião, manifestou a sua satisfação pelo êxito que se prevê para a grande festa rotária do dia 4 de Fevereiro, acontecimento que, de algum modo, contribuirá para que se forme no espírito dos que ainda nos não souberam compreender, ou nos têm malninado, até onde pode levar a fé em Rotary, «como instrumento de paz e amizade». «Essa a nossa verdadeira e indestrutível força, essa a razão do entusiasmo que a todos nos anima e conjuga em Rotary, como elementos que, unicamente, desejamos e ambicionamos servir», disse a terminar.

cada um à sua maneira, é certo, mas todos eles têm de comum o esforço de extrair do finito ou do definido — porque o infinito lhes será inacessível — o sentido a coisas novas, numa dinâmica toda ela espiritualizada. (Paul Claudel em «La Ville», refere-se ao poeta ta nestes termos: «...toutes choses par toi nous deviennent explicables...»)

Há para tal atitude, como claramente se deduz, um transbordamento da matéria sobre a forma, que mesmo do ponto de vista estritamente filosófico assumirá maior valia.

As Poéticas, têm através dos tempos, configurado a poesia nos limites fronteiriços do mistério e da mágica, da tauturgia e do subconsciente, e tudo isso se contém na poesia moderna, mesmo quando mais fragmentária ou indefinida.

Voltando, abertamente, as costas à eloquência — ao verbo enamorado do verbo — a poesia de hoje traz-nos os acentos ou os recessos do mundo de hoje — com todos os problemas, angústias e paradoxos — através duma linguagem cada vez mais enriquecida, vibrátil e pura.

A emoção estética, ultrapassou o merencório sentimento para ser atitude mais consciencializada e vital.

O poeta chegou a um termo dum processo mais avançado da expressão ou da palavra, e os horizontes em que se move são tem como fronteira a sua inspiração. O fôlego poético avança superabundantemente, para o terreno da metafísica e da abstracção, dando à economia do poema mais sugestão que ideia lógica, sugestão essa que vem mais da «atmosfera» que as próprias próprias palavras criam ou evocam que das palavras em si. («Ao Encontro da Palavra», Dr. Manuel Antunes, pág. 44).

De «subversão formal» apelida João Gaspar Simões a nova tendência versilibrista da poesia moderna, o seu desprezo pelas formas tradicionais, e a classificação, embora simplista, até certo ponto estará certa.

A prosa passa a distinguir-se da poesia, mais por características essenciais, que formais.

O poema é agora, prevalentemente, um «esquema rítmico» mais «exercício espiritual», que forma acabada e brincada de dizer as coisas, obedecendo à cesura, às medidas silábicas, à rima, pontos maiores da sua estrutura formal.

Não. A poesia como que voltou a face, mas sem deixar de manter a sua especificidade e função.

Terá o leitor para a compreender e aceitar, primeiro lê-la com inteligência e sensibilidade, depois ter sobretudo presente que a arte é mutável como o próprio homem e que a criação — fenómeno mais alto de toda a realização humana — tem os seus caprichos, os seus mistérios e as suas forças desconhecidas.

Tavira, 17-1-962

O «Povo Algarvio», vende-se em Lisboa na Incrementum, Rua Santa Marta, 58-3.º

### Emílio Campos Coroa

Médico especialista

### Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

## Os novos civilizados

Continuação da 1.ª Página

surge contra um «colonialismo», cuja existência apenas lhe é afirmado pelos seus poderosos patrões, e que se bate afanosamente pela liberdade dos povos, esquecida de que na sua atrasada república ainda vigora o regime medievall, embora coberto pela bandeira norte-americana!

Veja-se o Senegal, navegando nas mesmas águas e pretendendo apresentar-se como uma república democrática, fingindo ignorar o estado de atraso em que vegetal E todos cantando a mesma ária, como um orpheon afinado, sob uma régência única, de grande mestre, habituado a manejar as massas!

Por certo, nem os Estados Unidos, nem a Grã-Bretanha, pensam na possibilidade de os indígenas de Angola estarem aptos a governar-se, libertos da protectora ajuda dos seus aliados naturais — os Portugueses. Mas — sabem-no muito bem — os ventos da ONU, agora, sopram do Oriente, e é preciso acompanhá-los.

Mas, para nações de carácter acentuadamente «comercial», como as duas citadas, o caminho indicado é esse. «Business is business». O negócio é negócio, e está acima de tudo. Senão, veja-se o que se está passando com os Goeses. Reconhecido que as minas de ferro da Província de Goa estão aptas a fornecer mais minério de que todas as da União Indiana, a conquista da nossa antiga e próspera província do longínquo Oriente aparece, aos olhos de quem souber ver, como um riquíssimo negócio, que Nehru tinha de baixo de vista, e que soube preparar para lhe cair nas mãos com o menor esforço.

Disse Salazar, no seu magistral discurso, proferido ante a Assembleia Nacional: — «Agora é que vai começar a «questão de Goa»! E, pelos vistos, assim é. Agora, descobertos os objectivos imediatos da campanha-relâmpago que terminou pela queda da nossa velha província do Indústão, compreende-se melhor o afã da União Indiana em se apossar de umas tantas milhas quadradas de terra, que nada são em confronto com a vastidão da grande Índia, mas que representam uma riqueza importantíssima, que Portugal tinha começado a explorar e que, agora, possivelmente, será utilizada em benefício de nações pue, com a sua aparente passividade, facilitaram a sua saída das mãos portuguesas.

Porque a Índia, a despeito das suas prosápias de grande país, não pode medir-se com as grandes nações industriais, que a ajudaram a ganhar Goa.

Igualmente, os povos africanos, que se julgam senhores do Mundo por terem entrada e assento nas assembleias da ONU, poderão estar a minar o terreno, para que os seus atuais «amigos», sem dificuldades de maior, possam sacudir a árvore e apropriar-se dos saborosos frutos.

### Arrenda-se

Uma garagem, com serventia para qualquer outro ramo, na rua Borda d'Água de Aguiar. Quem pretender dirija-se a Adriano Baptista dos Santos, Praça Dr. António Padinha — Tavira.

### Arrenda-se, dá-se de meias ou a caseiro

Uma propriedade de regadio, no sítio da Arroiteia — Livramento, com casas de habitação e nora.

Quem pretender dirija-se a Ana da Conceição Dias, no referido local.

## Arabescos Literários (11)

# TRÊS SONETOS

por António Augusto Santos

In memoriam do Poeta Isidoro Pires

I

### SONETO DA MORTE

*Caveira triste de órbitas vazias,  
Tez descarnada, trágica, horrorosa,  
Fala comigo, dize qualquer coisa,  
— Tu que a Ciência, imensa, renderias!*

*Confessa teus pezares e alegrias,  
Que horas de luta ativa e generosa,  
Ou que sonhar de vida venturosa,  
Tiveste, neste mundo, por teus dias?*

*Nesse viver brumoso e já perdido,  
Que drama apaixonante foi o teu?  
Descela a tua voz amudecida...*

*Que ódio, que amor, que sonho te perdeu?  
Dize, ó caveira, quem terias sido:  
Jesus? Crésus? Apolo? Hamlet? Aida?*

II

### O ÚTONO

*Mais um Outono, sim, mais um Outono...  
Requeima o sol verde da paisagem  
Doirando-a a tons de fogo na ramagem,  
Pela magia dos pincéis de Crono.*

*Eaz pena o meu jardim neste abandono,  
De arbustos seculares — severa imagem —  
Vertendo um pranto farto de folhagem  
Mais um Outono, sim, mais um Outono...*

*Nada nos resta, nada, desse amor...  
Tudo é sol, tudo é chama, luz e cor,  
Como num fulvo quadro Rembrandino.*

*Sómente, sobre o lago debruçada,  
Medida, vênus de alma decotada  
Na sinfonia heroica do destino...*

III

### ESPELHO

*Há tempos não me via retratado  
No aço luminoso do meu espelho,  
Esse conselheiro, íntimo e já velho,  
Bem mais do que eu saudosos do passado.*

*Quis ouvi-lo falar-me apaixonado  
Duma paixão, dum mascarim vermelho,  
Duma luva perdida, dum anelinho  
— De todo um sonho alegre descuidado...*

*Mas quando pezaroso se calou  
Da invocação dum mundo envelhecido  
Radiante de ilusões, que muito amámos,*

*De olhos postos no nada que ficou...  
Olhando-me a mim mesmo intrestecio,  
Não me pude conter... e ambos chorámos...*

## Mosaicos Leão



### Indústria Tavirense

Fabricação garantida com excelente matéria prima. Executam-se em todas as cores e modelos. Os mosaicos preferidos pelos construtores pela sua qualidade e duração.

Fabricação de mosaicos de marmorite, pedras para balcão, lava-louças, tubos em cimento, etc. — PREÇOS SEM COMPETENCIA

Dirigir pedidos directamente à

## Fábrica de Mosaicos Leão

Rua da Porta Nova, 7 — Telefone 110 — TAVIRA

Preferir os MOSAICOS LEÃO é contribuir para o progresso de TAVIRA



## Evocação de um Mestre

Continuação da 1.ª Página

pouca saudade, a emoção profunda desse primeiro contacto, que me revelou logo um autêntico mestre universitário — caso raro no meio da mediocridade que imperava por esse tempo no velho casarão do Convento de Jesus — emoção que o decorrer das semanas, dos meses e dos anos, e o estreitar das relações de convivência entre o aluno atento e o professor dedicado, só fizeram crescer e avolumar, convertendo-a por fim numa sincera e grande admiração, que nada depois conseguiu empanar... foi ele até, sem dúvida nenhuma, foram as suas lições verdadeiramente magistrais — que toda a Faculdade ia ouvir por mero prazer espiritual — que transformavam em paivão pelos estudos de filosofia a incipiente e tímida pensão para eles, que eu levava do liceu; e é ainda hoje, estou certo, o amor por esses estudos e a ânsia perene de os actualizar constantemente, que o Mestre tão bem sabia inculcar nos seus alunos pelo alto exemplo que lhes dava — é ele que ainda hoje me faz gastar o que posso em livros da especialidade e achar maior prazer na sua leitura do que na dos melhores e mais famosos romances da velha ou da nova vaga...

Tenho neste momento, sobre a minha mesa de trabalho, os cadernos de apontamentos tirados nas suas inesquecíveis aulas de Idiotoria da Filosofia que guardei e conservei como recordação de momentos que foram dos mais belos da minha vida de estudante universitário — os das suas preleções; e ao lado deles, um dos seus livros de versos — *Bucolica Lacrimae Rerum* — adquirida por esse mesmo tempo, embora publicado muito antes, e a que Mestre quis então apor, generosamente, uma amável dedicatória, que era ao mesmo tempo um augúrio de altos destinos para o seu humilde aluno, — altos destinos que este jamais atingiu, talvez porque as circunstâncias nunca lho permitiram, quem sabe se apenas porque o não quis, porventura por ser destituído de capacidade para tanto... relei-os agora, aos apontamentos e aos versos, enquanto lá longe os amigos, os antigos discípulos gratos e os admiradores velam, compungidos, os restos mortais do Mestre — e é esta a minha participação possível nas homenagens fúnebres que todos lhe tributam; releio-os com o mesmo enlevo e o mesmo encanto de há trinta anos, porque eles conservam a frescura e a beleza de então e estas, fazendo-me olvidar o meio século que há muito me pesa sobre os ombros, fazem-me lê-los com os olhos e com o coração dos meus vinte anos. Releio-os agora, comovido, e parece-me estar ainda a ouvir, suspenso dos seus lábios, como todo o curso, o Mestre a falar-nos poeticamente dos velhos filósofos gregos, o Mestre a iluminar-nos os caminhos da Filosofia Perene, o Mestre a conduzir-nos, sem deixar que

## Pela Cidade

Teatro António Pinheiro

— Espectáculos da semana —  
Hoje, para maiores de 12 anos, o filme *Gangsters Fahlados*, com Vittorio Gasman e Rossana Rory. Em complemento, *O Tesouro de Rommel*, em cinemascopo ferranacolor, com Dawn Adams e Isa Miranda.

Quinta-feira, em espectáculo para maiores de 17 anos, *Só ficou a Saudade*, com Frank Sinatra e Tony Curtis. Em complemento, *O Segredo e a Chave*, com Jack Hawkins.

Farmácia de serviço — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia do Montepio.

nos perdessemos, nos meandros do naturalismo positivista, o Mestre a iniciar-nos, com arroubos poéticos, na aridez da Lógica... E as lágrimas que há trinta anos derramei sobre o seu livro de versos, voltam agora a manchá-lo; mas já não são de alegria — ou até de orgulho... — pelo visor-geiro autógrafa que o valorizou e sim da saudade desses tempos de esperança e sonho, e da mágoa de ver desaparecer no túmulo a mão que o escreveu e o alto espírito que o concebeu...

Parece que o Dr. Vieira de Almeida, nos últimos anos da sua vida, se desviou algo dos caminhos direitos que sempre trilhava na campo político, entrando por atalhos onde o não puderam acompanhar muitos dos seus discípulos, quase toda uma geração que se habituara a ver nele um mestre, mesmo nesses domínios; apesar disso, e embora colocados por esse desvio em campos quase opostos, afigura-se-me que nenhum dos seus antigos alunos, até mesmo os que por ventura vieram a combater-lo nas lutas da política, deixaram de manter viva a admiração pelo professor e pelo humanista e de ser gratos ao muito que nas suas lições magistrais aprenderam, nos bancos da Faculdade de Letras. Pelo menos, comigo assim aconteceu; e nesta hora, as últimas atitudes políticas do Dr. Vieira de Almeida esbatem-se no meu espírito e no meu coração, para neles apenas se avolumar a figura do Mestre universitário, que empolgava os alunos com a beleza formal e a profundidade cultural das suas lições magistrais, o Mestre que uma Faculdade inteira ia ouvir, não apenas para ganhar a frequência indispensável à frequência final, mas pelo enorme prazer espiritual que para todos constituíam. Só isso sobreleva no meu espírito, porque isso precisamente ficou, repito, como uma das coisas mais belas nas memórias da minha juventude; e tanto, que este pobre artigo, ditado aliás e apenas por uma velha admiração e por uma grande saudade, fica-se, afinal, por uma simples página de memórias e está longe, bem longe, da evocação do Mestre, que talvez tenha querido ser...

## Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — Menina Inês de Fátima Peres de Mascarenhas e os srs. Manuel Joaquim Vaz e João Pedro Maldonado Junior.

Em 29 — Menina Maria Ofélia da Costa Oliveira Bomba, D. Natércia Regato Temudo, menino Joaquim António Viegas Trindade e os srs. Manuel Francisco de Brito e Patrocínio da Encarnação Revez.

Em 30 — D. Susana Germaine Arnaut Pombeiro, D. Maria Judite Palmeira Neto Lopes, D. Maria José Pires Faisca e os srs. Dr. Renato Mansinho da Graça, Julio Martinho da Piedade Mendes e Rogério Fernandes Teixeira.

Em 31 — D. Maria da Graça Almodovar Bernardo, D. Maria Lourdes de Sousa Pires, D. Maria da Natividade Fernandes Pádua Palma, D. Maria do Carmo Pereira, meninos Luís Manuel da Cunha Carvalho Moraes, Fernando Manuel Campina Guerreiro e Victor Quaresma.

Em 1 — D. Maria Euridice Salgueiro Paula Ramos e o sr. Capitão José Inácio da Conceição

Em 2 — D. Etevína Caleça Ribeiro, D. Ana Pires Amaro, menina Maria da Purificação Januário e os srs. Eng.º Rui Maria Palermo Ferreira, Francisco Frederico Bento e David das Chagas Barros.

Em 3 — D. Maria Hortense Brás Pires Ribeiro, D. Maria Virgínia Viegas Cavaco, D. Maria Helena Dias Santos e Odete Maria das Dores Baptista.

Partidas e Chegadas

Com sua esposa, sr.ª D. Ilka Rivasco Vieira, fixou residência nesta cidade, o nosso assinante sr. Manuel Mariano Vieira, funcionário da Casa Pia de Lisboa, há pouco tempo aposentado.

— Encontra-se em Agueda, frequentando o Curso da Escola Central de Sargentos, o nosso confratão e assinante sr. João José Lino, 1.º sargento da Guarda Fiscal, que até há pouco se encontrava comandando o posto fronteiriço de Alcoutim.

Necrologia

Dr. Rui Avelar dos Santos

Foi com profundo pesar que recebemos a notícia do falecimento do poeta algarvio Dr. Rui Avelar dos Santos, advogado, residente em Lisboa.

Descendente de uma família de poetas e escritores, o Dr. Rui Santos foi um poeta de fino gosto. Figura conhecida nos meios forenses, pois desde 1929 que se formou em Direito pela Universidade de Lisboa, exerceu primeiramente a advocacia na vila de Pombal e já há anou em Lisboa.

Poeta de fina inspiração, deixou algumas obras da sua autoria e ainda muito novo, quando era estudante, publicou um pequeno volume de poesia lírica intitulado «Tu».

Contava 54 anos de idade e era natural de Tavira, filho do saudoso poeta e jornalista tavricense António Crisóstomo dos Santos (António) antigo Director do «Correio do Sul», de Faro, e colaborador de diversos diários da capital, e da sr.ª D. Amélia Maria Avelar dos Santos, já falecida.

Deixa viúva a sr.ª D. Maria Elisa de Avelar Santos e era pai da sr.ª D. Maria do Céu Avelar Santos e dos estudantes Maria Luísa, Maria Isabel e Rui Avelar Santos, sogro do sr. Dr. Fernando Correia Afonso, irmão do sr. Coronel Joaquim Avelar Santos e sobrinho do sr. Brigadeiro Eduardo José dos Santos.

A família enlutada endereçamos sentidos pêsames.



## Pela Província

Vila Nova de Cacela

Em auto fenebre chegou á sua residência, no passado dia 14, o cadáver do estudante sr. António Leitão Gonçalves, de 19 anos, que faleceu no Hospital de Santo António dos Capuchos, de Lisboa, onde havia ingressado há tempos para se sujeitar a uma operação cirúrgica á cabeça, a que infelizmente não resistiu.

O extinto era o único filho do sr. António Gonçalves e de sua esposa sr.ª D. Rosária de Jesus Correia Leitão, que tudo fizeram para o salvar.

O funeral realizou-se na tarde de domingo, para o cemitério local, com grande acompanhamento visto que o finado gozava de geral simpatia.

O «Povo Algarvio» apresenta condolências á família enlutada. — C.

## Manuela

COMO açucena esbelta ela passa na rua perfumando a paisagem, dando uma nota primaveril na própria Primavera.

Quantos sonhos, quantas quimeras maravilhosas andam nessa alma de menina!

Quantas visões deslumbrantes de luz na radiosa mocidade ia tendo, sem que disso se tivesse apercebido!

De porte airoso, perfil risonho, gentil e grácil, caminha calma. Vai lentamente abrindo o livro do Destino que nunca viu. Ninguém nos mostra o livro do Destino!

Página que se volta, e outra surge e risonha lhe parece que o livro é infinito!

Já o travo amargo do desespero a bafejou de perto mas a ferida já vai cicatrizando.

Só a consigo ver como uma flor mimosa, um branco lírio que o vento em torvelinho arrebatou impiedoso, deixando-o esmagado nas pedras do caminho.

Na tarde branca e húmida com um céu cinzento, bordado a rosa e oiro vai o seu corpo em triunfo.

As amendoeiras desprendem seu suave perfume e fazem alas para ela passar, soltam as suas brancas pétalas que caem sobre o caixão, como acenando um comovido adeus.

Vai hirta, impenetrável olhando ansiosa a Terra da Promissão.

Já não vê as amiguinhas e companheiras, que antigamente á sua frente volteavam como aves e corriam palrando para o Colégio, vão agora silenciosas e graves, com os seus bibes ornando o cortejo e assemelhando anjos que á frente vão ensinando o caminho para a deporem no trono do Altíssimo.

Tão pouco olha para aqueles que tanto lhe queriam e que deixam correr lágrimas silenciosas, cristalinas e são como estrelinhas a acompanhá-la na sua subida.

Só agora que se foi, só agora que a perdemos para sempre da nossa vista, sabemos quanta falta nos faz a sua presença, quanto era querida de todos.

Partiu-se o elo que prendia á vida uma triste e bondosa velhinha, essa avózinha que mais uma vez ficou com a alma destruçadada.

Não tem na suprema hora as mãos piedosas duma mãe querida

## Lar da Criança

Donativos recebidos no mês de Dezembro:

Sr. José Marques, 250\$00; sr. Joaquim Jerónimo de Almeida, 10\$00; Anónima, 10\$00; Anónima, 20\$00; Sr. Leiria, 15\$00; meninos José Dias e Vitor Dias, 10\$00; D. Maria José Varela 20\$00; D. Vanda Pádua Cruz, 25\$00; D. Maria das Dores Ponce Santos, 20\$00; Anónima, 50\$; D. Ana Soares, 50\$00; D. Isabel Faleiro, 40\$00; sr. João Lagoas, 20\$00; D. Ilda Cansado Azevedo, 20\$00; D. Natividade Pinto, 100\$00; sr. Gonçalves, laranjas; D. Maria João Gonçalves Santos, 50\$00; D. Rita Lapa e seu esposo ofereceram uma farda completa a cada pequena; D. Eduarda Ferro, vários artigos; sr. Teodomiro, vinho; D. Josefa da Conceição, azeite, figos e grãos; D. Isabel Buíça, um bolo; D. Judite Prado, um bolo e manteiga; D. Maria da Encarnação Mansinho, bolinhos; D. Assunção Gaspar, pão; Papelaria Ideal, cadernos e lápis; sr. Gil, laranjas; D. Fernanda Portilho, toucinho e grãos; sr. Luís Arrais, laranjas; sr. António da Cruz Gonçalves, arroz; D. Maria Matos, pão; D. Natividade Mil-Homens, flanela; D. Gertrudes Pires Peres, pão, arroz e bolos; D. Beatriz Monteiro, figos; sr. José Domingos, tangerinas; D. Adelina Corvo, toucinho e arroz; D. Joaquina Amaral, laranjas; D. Maria da Estrela Ribeiro, toucinho; D. Cândida Lino Santos, repolhos, laranjas e toucinho; sr. António Trindade, laranjas.

## O «Cesteiro»

O proprietário desta casa, Gregório da Encarnação de Jesus, comunica que mudou o seu estabelecimento de comidas e bebidas da Rua José Pires Padinha para a rua da Alegria, onde continua a servir bem, como sempre, todos os seus estimados amigos e clientes.

a fechar-lhe os olhos, mas quem sabe, talvez tivesse tido nesse sábado, dia 13, a Virgem de Fátima á sua espera e a envolvesse piedosamente no seu manto e no quente do seu regaço a sua alma tranquila adormecesse.

Tavira, 16-1-962

Maria Leonor Horta



## hérnia

SEGURANÇA E CONFORTO

são as vantagens que vos serão proporcionadas dum modo incomparável pelo

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON (França)

criador do processo registado, sem mola e sem pelota

## MYOPLASTIC - KLÉBER

A MYOPLASTIC, patenteada em França e aplicada em 10 países europeus, não é uma cinta vulgar, mas sim um verdadeiro «músculo de socorro», sem mola e sem pelota, que reforça a parede abdominal e mantém os órgãos no seu lugar, sem causar qualquer incómodo.

«como se fosse com as mãos»

A sua acção permanente, discreta e confortável, não pode ser exposta por meio de palavras. Ide, pois, fazer um ensaio gratuito junto do Técnico especializado do

Institut Herniaire de Lyon (França)

em qualquer das Farmácias abaixo indicadas:

TAVIRA — Farmácia Eduardo Félix Franco-Dia 31 de Janeiro  
FARO — Farmácia Higiene, Rua Ivens, 22 - Dia 30 de Janeiro  
Vila Real S. António — Farmácia Silva - Dia 1 de Fevereiro

Durante o intervalo das visitas do Aplicador, as Farmácias Depositárias poderão atender todos os que se lhe dirijam para adquirir Cintas.

## Instituto de Beleza Justina

Rua Dr. Miguel Bombarda, 21 — Telefone 269

TAVIRA

A proprietária, após a sua recente remodelação e apetrechamento com aparelhagem ultra moderna, tem a subida honra de convidar as Ex.ªs Senhoras Tavrineses para uma visita ao moderno estabelecimento, a fim de apreciarem o novo modelo de corte e penteado «PRIMAVERA», última criação dos «ateliers» de Paris.



## J. A. PACHECO

TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

## J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13



# Origem dos Topónimos das Freguesias do Concelho de Olhão e de alguns dos seus Sítios

por J. Fernandes Mascarenhas

(Continuação)

Depois de termos, em vão, procurado na língua portuguesa o significado do termo *Carapacho*, como de resto já o tinha feito, sem qualquer resultado positivo que o saibamos, o saudoso e eminente sábio etnólogo Prf. Dr. Leite de Vasconcelos nas suas visitas de estudo «de terra em terra» (uma delas a Moncarapacho, em que tivemos a honra de o acompanhar e receber em nossa casa), eis que deparamos com o termo *Carapacho* numa das ilhas dos Açores, a ilha Graciosa.

Queremo-nos referir à povoação deste nome<sup>(35)</sup> do concelho de Santa Cruz da Graciosa, distrito de Angra do Heroísmo, situada, à semelhança de Moncarapacho, nas faldas de uma serra da Caldeira — onde existem as termas de *Carapacho*; além de que há na mesma ilha, ponta ou cabo com idêntica designação<sup>(34)</sup>.

Descoberta aproximadamente no ano de 1450, segundo refere o Padre António Cordeiro, teve a ilha Graciosa como seu primeiro possuidor Vasco Gil Sodré, natural de Montemor-o-Velho que para aí se dirigiu com sua mulher e doze criados, depois de ter estado algum tempo na ilha Terceira.

De igual modo se passou à mesma ilha Graciosa «hum Duarte Barreto, dos Barretos fidalgos do Algarve, com a sua mulher, irmã do dito Vasco Gil & veyo o tal Barreto», diz o Padre Cordeiro, «com o título já de Capitão Donatário de metade da Ilha Graciosa, & a posse da parte do Sul, aonde está a Villa da Praya»<sup>(35)</sup>.

Como se vê, precisamente na zona que abrange a povoação de *Carapacho*.

Pela semelhança na posição topográfica — situada na base de uma serra — é de admitir que tivesse sido Duarte Barreto e a sua gente quem levou para tais paragens esse topónimo como, teria também levado muitos costumes algarvios que aí existem.

Se a freguesia de Moncarapacho se separou da de Santiago de Tavira em 1471, contando então cem fogos, e já em 18 de Outubro de 1453 o prior de Santiago tinha feito um contrato com os de Moncarapacho para que o seu capelão lhes administrasse o sacramento do matrimónio<sup>(36)</sup>, nada mais natural supor que, tendo a ilha Graciosa começado a ser povoado depois de 1450, e com a colaboração de um algarvio, o topónimo *Carapacho* fosse para aí levado por ele.

Ao próprio Vasco Gil Sodré cunhado de Duarte Barreto, não deveria ser estranha a designação, tendo ele militado em África<sup>(37)</sup> e o cerro de S. Miguel é um dos cerros da terra portuguesa que primeiro se avista depois da passagem de Gibraltar, quando se navega para noroeste.

Tudo isto vem, a propósito, de querermos justificar que o termo *Carapacho* existiu primitivamente separado de *Monte*, na palavra *Monte-Carapacho* que, por elisão da letra e, em virtude da lei do menor esforço, deu Moncarapacho.

## II

Vejamos agora a parte mais importante deste estudo: como apareceu o termo *Carapacho* na toponímia algarvia?

O termo *Carapacho* é, quanto a nós, procedência castelhana, como de procedência castelhana são outros termos que se empregam no Algarve, tais como: empanadilha, escaleira, (escada), Jordana, maragoto, Maragota (sítio de Moncarapacho, como aliás Jordana), maragotão<sup>(38)</sup>, etc, e até alguns termos de gíria que habitualmente se vêm escritos nas paredes feitas de novo ou caiadas de fresco.

Tal facto não é, porém, motivo para admiração, se tomarmos em conta as estreitas relações entre o Algarve e a Andaluzia e que o castelhano foi bastante usado entre nós, até por alguns dos nossos melhores escritores dos séculos XV, XVI e XVII. Levados pela convicção de que o termo *Carapacho* é de procedência castelhana — termo que nos aparece ligado a *Mon*, em *Moncarapacho*, nos documentos mais antigos que conhecemos sobre a referida freguesia, precisamente como hoje se escreve — resolvemos consultar um bom dicionário dessa língua, o «Dicionário Espanhol Português», composto por Manuel de Canto e Castro Mascarenhas Valdez<sup>(39)</sup>.

No seu tomo primeiro, a páginas 611, lá se lê o seguinte: *Carapacho m. Concha; casca que cobre o corpo dos caranguejos e das tartarugas. Testa, crusta, cancerorum, testudinunque.*

Óra se olharmos do mar para o cerro de S. Miguel, o que se observa? Que, completamente desarborizado e rugoso, destacando-se de uma forma notável entre as demais elevações existentes na zona central do Algarve, se apresenta com o aspecto absolutamente característica. As pregas ou rugosidades dão-lhe a configuração de uma *crusta*, ou melhor, *carapaça* como Hamilton de Garcia, no seu dicionário, traduz o termo *Carapacho* (*Carapacho*).

É muito natural que os mariantes que por ele se guiavam ou as populações que habitualmente o viam, lhe tivessem passado a chamar *Monte do Carapacho*, na acepção de carapaça, designação que deve vir do tempo em que o antigo Reino do Algarve pertenceu a D. Afonso X de Castela, o sábio, isto é, anteriormente à sua posse definitiva por parte do genro, El-Rei D. Afonso III de Portugal. E embora não saibamos a partir de que data o mesmo cerro passou a ter a designação de S. Miguel somos em crer que só o foi desde o século XV, datando do século seguinte a primeira referência histórica que encontramos sobre a capela do mesmo Arcanjo, situada hoje, na vertente norte do cerro, onde se podem ver ainda ligeiros vestígios góticos da sua traça primitiva<sup>(40)</sup>.

Etimologicamente *Carapacho* deriva do vocábulo latino *Carpasium*, substantivo próprio, neutro de origem grega, documento em Plínio.

*Carpasio* é uma cidade da ilha de Chipre (Mediterrâneo), hoje *Carpasso*<sup>(41)</sup>. *Carpasium* deu em italiano *Carpaccio*, «Espécie de capuz, com que os Gregos cubrião a cabeça»<sup>(42)</sup> e em espanhol *Carapacho*, *carapaça*, significados aliás concordantes com a configuração do cerro, sem excluirmos a hipótese de que, no tempo dos romanos, o cerro pudesse ter sido designado por *Mons Carpasium*, à semelhança do *Mons Sicus*. Monchique<sup>(43)</sup>.

O que, porém, não se pode afirmar, é que tivesse existido no local da actual aldeia de Moncarapacho uma povoação romana com o nome de *Mons Carpasium*. Nem a bibliografia

(Continua)

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

GAZETILHA

## COISAS DA VIDA

*Que graça tão atrevida,  
D. Paio, mas que quízilia!  
Está de barba tingida,  
Zangado com a partida  
Ou não gosta da mobília?*

*Com tanta perturbação,  
Actos extraordinários,  
Já não causam sensação;  
O telefone da estação  
É a exposição de canários.*

*No Brasil, o sábio;  
A cantar é um fadista  
O amor no Jacarandá,  
Enquanto as aves de cá  
Só cantam com muita alpista.*

*Se a tristeza causa assédio,  
Se o mundo vai acabar,  
É um salutar remédio  
Contra a preguiça e o tédio,  
O que é preciso é cantar.*

*Eu não quero magiar  
Descendar o caso a nã  
Não vou pra me incomodar.  
Se o mundo quer acabar  
Que acabe lá pró Nehru.*

Zé da Rua

## O Supérfluo

Continuação da 1.ª Página

*supérflua, não o é para o seu*

*Logó, coisa supérflua. Mas para um indivíduo que resida a cinco quilómetros, por exemplo, do lugar onde exerce a sua actividade e não tenha transporte ou os transportes não se façam com horário aproveitável, será supérfluo um pequeno carro, sem rabo de peixe e sem telefonia?*

*Aparelho de rádio é objecto supérfluo. Mas conforme o uso que o dono dele fizer. Se o utilizar como instrumento de cultura, já não nos parece que o seja.*

*Certas modas femininas têm muita coisa de supérfluo: laços, botões, acessórios; outras vezes entram neles objectos de luxo que não nos parecem de mais. Por exemplo: num vestido sem enfeites, um bonito colar ou pregadeira pode fazer parte do conjunto estético do vestuário e não ser supérfluo.*

*Certos objectos decorativos, em determinados casos, não nos parecem supérfluos. Têm por fim embelezar as cidades, as casas, comemorar um facto e não nos parece que estes fins não sejam de justiça e necessidade.*

*Coisas supérfluas consideramos: comprar livros que não se sabe ler, revistas que não se chega a abrir, mandar fazer fatos com algibeiras onde nada se guarda, andar de carro ouvindo música, falar para não dizer coisa nenhuma, comer e dormir para matar o tempo.*

*Para as pessoas do campo é absolutamente supérfluo lavar as mãos antes de ir para a mesa. Na cidade considera-se necessário e ritual.*

*Para as mulheres, a máquina de barbear seria coisa supérflua; para o homem, poupa tempo, golpes e sabão.*

*Para o rapaz novo, o tabaco é supérfluo; para o velho asilado, alguma coisa que ajuda a esquecer a tristeza da sua condição.*

*Como não é pois difícil determinar o supérfluo sem inquirir das necessidades de cada indivíduo, das suas necessidades fisiológicas, intelectuais e sociais?*

## Trespasa-se Barato

Por motivo de retirada, uma casa de pasto, no sítio de Amaro Gonçalves, facilitando-se o pagamento.

Quem pretender dirija-se a Maria Fernanda da Conceição Ribeiro Beato, no referido local.

# ALGARVE Desportivo



## Campeonatos Nacionais da I e II Divisões

### 1.ª Divisão

Covilhã 2 — Olhanense 0

Apesar da longa tirada que é de Olhão à Covilhã, os algarvios encararam esta deslocação à serra da Estrela com optimismo, tanto mais que a equipa local tem passados difíceis, devido ao castigo imposto a alguns dos seus jogadores.

O Olhanense apresentou-se pois, no Estádio Municipal Santos Pinto, na Covilhã, com muitas possibilidades de resolver a contenda a seu favor.

Aos 16 minutos o grupo da casa ficou privado do seu médio Lázinha que se magoou num choque com Mateus. Reduzidos a dez unidades os seranos experimentaram sérias dificuldades para conter o irrequieto quintero avançado cubista que, só por manifesta falta de sorte, não conseguiu marcar. Assim, o primeiro tempo findou a zero bolas. No recomeço o Covilhã alcançou a posição de vencedor com um golo marcado por Adriano, na sequência dum pontapé de canto. Passados pouco minutos, deu-se a derrocada para os algarvios, quando Reina, num lance infeliz, introduziu a bola na sua baliza.

Embora vencido, o Olhanense foi a equipa que apresentou um futebol mais esclarecido, confundindo com frequência os donos do terreno. Estes, jogando com vontade e por vezes bafejados pela sorte, ganharam dois pontos, o que nada vem afectar a posição do grupo algarvio.

### CLASSIFICAÇÃO GERAL

	V.	E.	D.	B.	P.	
Sporting . . .	10	4	—	35	9	24
Porto . . .	9	3	2	26	8	21
Benfica . . .	8	4	2	36	18	20
Atlético . . .	7	3	4	26	18	17
C. U. F. . . .	7	3	4	19	14	17
<b>Olhanense</b> . . .	5	4	5	19	20	14
Académica . . .	7	—	7	30	28	41
Belenenses . . .	5	3	6	26	23	13
Lusitano . . .	5	2	7	20	21	12
S. Covilhã . . .	4	3	7	17	20	11
V Guimarães . . .	4	2	8	23	26	10
Leixões . . .	4	2	8	22	40	10
Beira-Mar . . .	2	3	9	19	39	7
Salgueiros . . .	2	2	10	10	44	6

### 2.ª Divisão

Lusitano 2 — Montijo

Os sotaventinos cederam mais um ponto no seu campo, não sabendo tirar partido do factor casa, apesar de terem marcado logo de início. O grupo visitante a jogando com inteligência conseguiu não só anular a desvantagem como ainda colocar-se na posição de vencedor. Depois de consentirem a igualdade, os algarvios, até então a jogarem sem preocupações, baixaram nitidamente, permitindo que os farrasteiros se adiantassem no marcador. Já no último quarto de hora é que os pombalinos despertaram e lograram alcançar o empate.

Farense 3 — Beja 0

Os leões de Faro começaram a partida em «câmara lenta», permitindo que os alentejanos se acercassem com perigo das suas redes. Assim, não admira que os locais solessem quatro cantos seguidos, para anular outras tantas avançadas dos visitantes, na marcação dos quais nada resultou.

Sentindo o perigo o Farense «acordou» para passar à contra ofensiva, acabando por marcar três golos sem resposta, todos da autoria de Vinagre.

O Farense hoje desloca-se a Coimbra onde defrontará a equipa da Académica, jogo a contar para a primeira mão da segunda eliminatória da Taça de Portugal, em que os alvi-negros são os únicos representantes do Algarve.

### CLASSIFICAÇÃO GERAL

	V.	E.	D.	B.	P.	
Barreirense . . .	13	—	1	40	15	26
Setúbal . . .	11	2	1	48	11	24
C. Piedade . . .	7	3	4	33	22	17
<b>Farense</b> . . .	7	3	4	28	21	17
Alhandra . . .	7	2	5	40	37	16
Seixal . . .	8	—	6	41	39	16
Montijo . . .	7	1	6	35	28	15
<b>Lusitano</b> . . .	5	2	7	19	23	12
<b>Portimonense</b> . . .	6	—	8	19	27	12
Beja . . .	5	1	8	27	43	11
Oriental . . .	3	3	8	16	32	9
Campomaior . . .	3	2	9	17	37	8
Sacavenense . . .	2	3	9	20	34	7
Olivais . . .	1	4	9	20	36	6

Rui Nobre

## CASA

Vende-se uma, na Rua da Silva, n.º 11.

Nesta Redacção se informa.

O livro «VERSOS», do Poeta Isidoro Pires, encontra-se à venda na Redacção do «Povo Algarvio»

## Empresa de Espectáculos Tavirense

S. A. R. L.

## TEATRO ANTÓNIO PINHEIRO

### Aviso Convocatório

Convoco os senhores accionistas a reunir no próximo dia 14 de Fevereiro, pelas 15 horas, em Assembleia Geral Ordinária na sede do edifício do Teatro, a fim de ser discutido e votado o relatório e contas da gerência de 1961 e Parecer do Conselho Fiscal.

Não havendo número suficiente de accionistas para a Assembleia Geral funcionar, ficam desde já convocados para nova reunião para o dia 4 de Março do corrente ano, com o mesmo fim, à mesma hora e local.

Tavira, 24 de Janeiro de 1962

O Vice-Presidente da Assembleia Geral

João Inácio Dias